



# Centro de Estudos Anglicanos

## Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

# PASTORAIS

A Igreja vivendo a simplicidade  
Dom Saulo Maurício de Barros - Bispo Diocesano  
Diocese Anglicana da Amazônia  
11/03/2011

1. Creio que alguns de nós conhecemos a afirmação atribuída ao famoso teólogo protestante Carl Barth de que deveríamos ler nossa Bíblia, mas também o jornal do dia. Para estarmos familiarizados com o mundo que nos cerca e procurar entendê-lo a luz da Escritura. Nesse sentido, com os olhos nas manchetes dos periódicos nas bancas de revista, gostaria de chamar atenção para o fato de que em nível mundial cresce a consciência de que os gastos excessivos para manter o nível de vida dos países ricos estão levando nossos ecossistemas a exaustão e que precisamos protagonizar um modelo mais simples de existência. Richard Foster, leitura obrigatória para alguns segmentos do protestantismo brasileiro nos anos 80, afirma que a raiz desse problema se encontra no *“desejo fervente de afluência na sociedade”* que *“tornou-se psicótico: perdeu totalmente o contato com a realidade”*<sup>1</sup>. Existe, portanto, um anseio muito grande em alguns setores para transformar essa mentalidade e conter o esbanjamento criminoso. Todavia, como escreve Antônio Faro, não é muito fácil viabilizar essa transformação porque *“estamos tão imersos na realidade do consumo que, normalmente, não conseguimos nos distanciar dela, a fim de poder fazer uma análise dos seus efeitos no nosso estilo de vida e em nossa percepção da vida e da relação com o mundo e com os outros”*<sup>2</sup>. Simplesmente consideramos o desperdício a norma, sinal de opulência e civilidade, mas como podemos ver hoje com clareza, ele está se tornando insustentável. Dessa forma a simplicidade surge como uma reação ao apocalipse ecológico que se delinea no horizonte.

2. Mas o tema de minha Carta Pastoral este ano não é propriamente ecologia, embora não deixe de ter sua influência sobre a nossa “casa” comum e no nosso estilo de vida. Por isso, logo no início desse texto, gostaria de enfatizar que a “simplicidade” não deve ser vista apenas na ótica de uma alternativa ao modo de vida consumista ou como tábua de salvação planetária, mas precisamos agora abrir as nossas Bíblias, seguindo a orientação de Barth, e entendê-la como uma proposta evangélica e um chamado essencial a todos os cristãos, parte constitutiva da nossa espiritualidade<sup>3</sup>. Para tanto não nos falta fundamentos nos escritos sagrados, mas por enquanto valeria apenas recordar as palavras de Jesus Cristo: *“Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas”* (Mateus 10:16).

3. Poderíamos fazer essa reflexão a partir do nosso cotidiano, a maneira como usamos os dons da criação divina. Isso nos reporta imediatamente as cinco marcas da missão estabelecidas pela Conferência de Lambeth: *“Lutar pela salvaguarda da integridade da criação, sustento e renovação da terra”*. E isso possui uma importância avassaladora para nós. Embora acreditando sinceramente que nenhum elemento constitutivo do Reino possa verdadeiramente ser gravado no coração humano senão através da ação do Espírito Santo, algumas virtudes podem ser praticadas e aprendidas, como em qualquer processo educativo. Por isso, faria muito bem para nós tomarmos algumas atitudes básicas, como comprar somente aquilo que precisamos, recusar profeticamente ser dominado pela propaganda, economizar os recursos disponíveis, aprender a desfrutar das coisas sem possuí-la. Uma frase simples como: *“Filho feche o chuveiro, está desperdiçando água”*, pode ter um profundo efeito pedagógico.

4. Os cristãos em toda a sua história sempre se viram diante de movimentos que buscavam uma maneira

1. FOSTER, Richard. Celebração da Disciplina. Campinas: Editora Vida, 1990, p. 101.

2. FARO, José Antônio. O Consumo como modo de vida. Cidade Nova, Exemplar 535, Ano LII, nº 11, Novembro de 2010, p.20.

3. As bases bíblicas e da tradição cristã para compreensão da simplicidade como uma disciplina da vida cristã podem ser encontradas em muitas fontes da espiritualidade cristã, mas o livro de Richard Foster, *“Celebração da simplicidade”*, publicado pela Editora United Press, apresenta um levantamento bastante abrangente.

de vida simples, que segundo seus adeptos estaria em consonância com a proposta do Evangelho. Apenas como exemplo poderíamos fazer referência a duas tradições dentro do movimento de Jesus: os monges beneditinos que, segundo a regra de seu fundador, deveriam possuir apenas “*duas túnicas e duas cogulas [túnica com capuz], para a noite e para poder lavá-las; o que houver a mais é supérfluo e deve ser cortado*”<sup>4</sup>; os huguenotes, protestantes franceses, que adotaram o uso apenas das roupas brancas e pretas, deixando de lado todo o universo das cores, manifestando assim sua simplicidade e sobriedade. Essas ações buscavam externar uma concepção de vida que pode ser traduzida pelas palavras de Agostinho: “*Toda fartura que não seja o meu Deus é pobreza para mim*”<sup>5</sup>.

5. Como não podemos abarcar tudo numa Carta Pastoral, mesmo essa que será mais longa que as anteriores, eu gostaria de concentrar o nosso olhar para o contexto da nossa vida eclesial, como Igreja, como Corpo de Cristo. Já por vários anos tenho ficado angustiado com a forma complicada que anunciamos o Evangelho e vivemos nossa experiência comunitária. Assim como na sociedade Ocidental como um todo, nós também acabamos sendo influenciados por esse “*desejo fervente de afluência*” e também acabamos nos tornando de certa forma “*psicóticos*”, construindo estruturas e instituições que estão totalmente fora da realidade.

6. Por favor, não me entendam equivocadamente, não estou propondo que sejamos simplistas, ou descuidados, com a maneira que apresentemos a mensagem cristã ou como administramos nossas comunidades, esse pensamento nunca passou pela minha cabeça e quem me acompanha de perto sabe o zelo com que trato essas questões. Antes de tudo é preciso que afastemos de nós a noção equivocada de que ser simples é sinônimo de ser superficial, ser ingênuo, ou mesmo estúpido. Jesus Cristo apresentou profundas verdades espirituais de um jeito bastante simples, falando de coisas da vida cotidiana: uma mulher que perde uma moeda<sup>6</sup>, um pastor que tem cem ovelhas e sai à procura de uma única que se perdeu<sup>7</sup>, as flores que crescem no campo<sup>8</sup>... E as primeiras comunidades cristãs tiveram um impacto imenso na sociedade da época, como vemos nas páginas iniciais de Atos dos Apóstolos, sem nem sequer ter um espaço próprio para celebração, ou uma liderança hierárquica formalmente estruturada. A mensagem cristã (kerigma) apresentada pelos apóstolos é muito simples: um testemunho sobre a vida, morte e ressurreição de Cristo, e um chamamento aos judeus e gentios à conversão. E desconheço anúncio mais profundo...

7. Quando olho para as estruturas que nós herdamos daqueles que nos antecederam nesse ramo particular dos seguidores de Jesus de Nazaré, denominado de anglicanismo, fico refletindo sobre como algumas delas são inadequadas para a nossa realidade atual. Qualquer historiador com o olhar mais crítico nos dirá que os missionários protestantes quando chegaram à América Latina, no processo de evangelização do continente, introduziram uma cultura centrada num modelo europeu, anglo-saxônico, desprezando sistematicamente os saberes locais<sup>9</sup>. Esse mesmo processo foi continuado posteriormente pelos nossos irmãos estadunidenses, que também acreditavam num designo divino especial para levar a sua civilização para o resto do planeta, que se encontrava imerso nas trevas da ignorância, doutrina conhecida como “Destino Manifesto”. Poucas foram às manifestações contrárias, algumas reprimidas com veemência, produzindo no nosso país as primeiras divisões nas denominações protestantes. Essa imposição cultural resultou numa proclamação evangélica distante da nossa cultura e na manutenção de estruturas inadequadas para a nossa sociedade, porque não dizer, em alguns momentos: “*psicóticas*”. Por esses dias tentei explicar num Ponto de Evangelização como acontece o processo de mudança de status canônico de uma comunidade. Então, assim como Édipo, encontrei-me diante da Esfinge, que olhando com olhos esbugalhados me dizia: “*Decifra-me ou te devorarei*”. Meus irmãos e irmãs, nós precisamos organizar a nossa Igreja de maneira mais simples, em consonância com o contexto brasileiro e regional no qual nós estamos inseridos.

8. Formas de resistência sempre afloram quando falamos em mudanças, isso é antropológico. Intuitivamente reagimos imediatamente a qualquer coisa que produza mudança na nossa forma de vida. Muitas dessas reações são bastante razoáveis e pautadas em argumentos sérios. Mas com frequência tenho ouvido de colegas como justificativa para continuar a fazer as coisas da mesma forma que antes a afirmação: “*mas isso faz parte da cultura do nosso povo*”. Nesse ponto nos esquecemos de um princípio básico defendido pela grande maioria dos

4. WAAL, Esther de. A Procura de Deus: Segundo a Regra de São Bento. Juiz de Fora: Mosteiro de Santa Cruz, 2002, p. 96.

5. Citado em FOSTER, Richard. Celebração da simplicidade. Campinas: Editora United Press, 1999, p. 29.

6. Lucas 15:8.

7. Lucas 15:4

8. Mateus 6:28

9. WIRTH, Lauri Emilio. **Protestantismos Latino-Americanos entre o Imaginário Eurocêntrico e as Culturas Locais**. In **Estudos de Religião**, nº 34, junho de 2008.

sociólogos e antropólogos, a cultura é uma construção humana!<sup>10</sup> Então, não é resposta satisfatória afirmarmos que é uma “*questão cultural*”, apesar da cultura se impor sobre nós estamos esquecendo que ela é resultado da nossa própria ação. Por isso, pode ser reconstruída, acreditamos verdadeiramente quando oramos na Eucaristia para que Deus venha “*transformar os reinos desse mundo no reino do nosso Senhor Jesus Cristo*”<sup>11</sup>. Uma experiência simples e recente de mudança cultural no nosso país é o uso do cinto de segurança! Há vinte anos assisti um reverendo anglicano, com pós-doutorado, se indignar com uma missionária holandesa que entrou no seu carro e colocou cinto de segurança. Aborrecido com a atitude “deplorável” dessa estrangeira, ele perguntou: “*Você não confia em mim como motorista?*” Hoje, colocar o cinto é uma coisa natural em quase toda parte das terras tupiniquins e passou a ser entendido como essencial na segurança nas estradas.

9. Para exemplificar isso na Bíblia, podemos nos reportar a experiência fundante do Êxodo. Durante a travessia até a terra de Canaã, o povo hebreu ficou desesperado pela demora de Moisés que havia subido ao monte para encontrar com Deus. Então, seguindo sua cultura, moldada as margens do Nilo, pediram a Arão para fazer um bezerro de ouro para que eles pudessem adorar. O resto da história todos nós conhecemos, Moisés retornou do monte e, indignado com a idolatria, “*arremessou das mãos as tábuas, e as despedaçou ao pé do monte*”, e “*tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo; e, moendo-o até que se tornou em pó, o espargiu sobre a água, e deu-o a beber aos filhos de Israel*”<sup>12</sup>. Ora, na lógica anterior Moisés poderia simplesmente ter dito: “*Essa é a cultura do povo*”. Então, não ter feito nada, porque para muitos esse é um argumento que justifica tudo. Mas Moisés resolveu intervir através de sua ação criativa, na busca de mudar a mentalidade das pessoas, de trazer uma novidade. Foi por meio de ações como a de Moisés, profetas e sacerdotes que o judaísmo evoluiu até chegar a um monoteísmo radical, numa prova de que se mudar a cultura é possível.

10. Então, baseado em tudo o que escrevemos acima, gostaria de pontuar alguns temas que considero relevantes para nossa Diocese, e, me desculpem a pretensão, até mesmo para a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.

a) **Buscar a simplificação das atuais estruturas da Igreja:** Tenho participado já alguns anos de grupos de discussão sobre a re-estruturação da nossa Província. Talvez poucas pessoas saibam, mas o primeiro esboço para a atual organização da Secretaria Geral saiu de dentro do nosso Escritório Diocesano, fruto do trabalho de uma pequena equipe de anglicanos de nossa região. Reconhecemos que nossa Secretaria Geral sempre desempenhou um papel fundamental na nossa instituição, todavia ela estava formatada de uma maneira que não se mantinha dentro do contexto nacional. Mudanças foram feitas e outras ainda deverão ocorrer, mas agora ela se encontra num patamar mais compatível com a nossa realidade, condição que aparece com mais nitidez no aspecto financeiro. Também outras estruturas devem ser questionadas. Penso, por exemplo, sobre nossa visão de “paróquia”, componente central no pensamento organizacional anglicano que surge nas áreas rurais do continente europeu em torno do século IV<sup>13</sup>, que recebemos aqui pelo filtro estadunidense que acrescentou um elemento missionário, mas não menos perturbador por às vezes suscitar uma competitividade desnecessária entre comunidades. Temos seriamente que repensar isso, pois como diz Dom Sebastião Armando, nós queremos transformar qualquer grupo de oração com 15 pessoas em Paróquia. E isso traz implicações muito grandes que, infelizmente constatamos, nós não conseguimos suportar. São implicações financeiras, logísticas, legais, muitas vezes difíceis de serem cumpridas. Basta olharmos as obrigações de nossas comunidades com relação a manutenção do Ministro Encarregado ou Pároco, contidas no nosso Plano de Cargos e Estipêndios aprovados em 2006, quando da constituição da diocese, e verificamos como ainda estamos distantes do modelo proposto, mesmo que ele tenha sido esboçado e aprovado regionalmente. Por que não pensar em trabalhar com “comunidades” mais simples? Pequenos grupos, círculos de oração, grupos familiares, que gravitem em torno de Missões e Paróquias estabelecidas. Na nossa diocese temos um “pequeno grupo” funcionando com jovens, que está sendo um “projeto piloto” apontado para nosso futuro.

b) **Buscar a simplificação e adaptação da nossa liturgia:** Não estou aqui propondo que esqueçamos nosso Livro de Oração numa prateleira nos fundos do Escritório Pastoral, muito pelo contrário, acredito firmemente que a liturgia anglicana é uma das mais ricas contribuições que temos para oferecer ao cristianismo mundial. Se nós a perdermos ficaremos com muito pouca coisa que justifique a nossa existência. Sem ela podemos fechar as nossas portas e ir celebrar em qualquer outro lugar. Mas, justamente a nossa tradição, nos ensina

10. No primeiro capítulo do seu livro, O Dossel Sagrado, Peter Berger afirma que a sociedade é um produto humano que retroage continuamente sobre o seu autor. A ação do ser humano sobre o mundo, sobre a cultura, na dialética social, Berger chama de exteriorização, e ela se dá mediante ato de imaginação e de criação. BERGER, Peter Ludwing. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

11. LOC, p. 83.

12. Êxodo 32:19-20.

13. <http://www.arquidiocesasalvador.org.br/palestra-encontro-de-comunicacao>

que a liturgia precisa ser adaptada sem perder seus fundamentos essenciais. As diversas edições dos Livros de Oração Comum e os livros de oração alternativos, especialmente em tempos recentes, são testemunhos claros disso. Assim também precisamos reler a nossa liturgia à luz da diversidade do povo brasileiro e amazônico. Os cânones referentes a nossa liturgia e as rubricas do LOC oferecem alguns critérios que se seguidos ajudaram a evitar que caímos no “caos litúrgico”, mas que usemos de forma criativa os recursos que são oferecidos. Temos um espaço enorme para criar, inventar, e principalmente respeitar as culturas locais, especialmente naquelas características que elas possuem que nos aproximam mais do “*reino do nosso Senhor Jesus Cristo*”. Felizmente, na nossa diocese um grande esforço nesse sentido tem sido feito, simplificação dos nossos ritos, novos experimentos litúrgicos, como a celebração com MPB e a celebração Reggae, aproximação maior do cotidiano da nossa gente.

**c) Buscar a simplificação e diversificação dos ministérios:** Em 2008 enviei, com conhecimento do Conselho Diocesano, uma carta para todo o clero e seminaristas comentando a nossa situação e “*incentivando nossos(as) ministros(as) ordenados(as) e pretendentes que procurem outras atividades remuneradas*”. Foi uma pena que algumas pessoas entenderam essa carta apenas no aspecto de manter o equilíbrio das contas diocesanas. Mas na verdade ela reflete minha convicção cada dia maior de que o ministério cristão precisa ser repensado, que o ministério de tempo integral precisa ser reavaliado, que cada vez mais se torna relevante para Igreja ter lideranças inseridas na sociedade, no mundo do trabalho, na família. Essa é uma concepção que não é nova, no passado a Igreja Católica Romana, pós Concílio Vaticano II, e setores do protestantismo, influenciados pelo “Evangelho Social”, fizeram a inserção de suas lideranças em comunidades periféricas, bairros populares, favelas. Seminários foram fechados e os estudantes enviados para viver no meio do povo. Bem certo que a reação seguinte protagonizada por setores mais conservadores foi abandonar essa prática e retomar costumes anteriores, alguns deles medievais. Lembro de pessoas como Dôra e Hermisa, membros da Irmandade do Servo Sofredor, que influenciaram profundamente minha formação através do ministério que elas exerciam na “Casa da Paz”, na Brasilit, na periferia do Recife. Durante o dia uma era costureira e a outra faxineira de um prédio, quando a noite chegava, elas reuniam o povo para ler a Palavra, orar e discutir seus problemas. O despojamento dessas duas mulheres me ensinou muito sobre a simplicidade cristã. Creio firmemente que podemos experimentar um novo modelo de ministério ordenado, mas para isso tenho certeza que precisamos redefinir também o papel dos nossos leigos. Continuo a insistir na formação do laicato, todavia ressalto agora minha compreensão de que esse é um trabalho de base, por isso tenho certeza que seria uma contribuição fundamental para nossa Igreja na Amazônia se as comunidades locais se envolvessem de forma prioritária no desenvolvimento de atividades de Educação Cristã (Escola Dominicais, Círculos Bíblicos, Treinamento de Lideranças, Preparação para os Sacramentos, etc.). A Diocese tem se esforçado na preparação de Ministros Leigos, mas isso não tem tido grandes resultados porque o trabalho diocesano é limitado, tem data para começar e terminar e não possui condições de acompanhar a todos no lugar em que exercem seus ministérios. O acompanhamento e a formação continuada na comunidade são o grande segredo! Também, dentro dessa linha de valorização do papel dos leigos percebo ainda que nós precisamos fazer girar a roda das instâncias participativas da nossa Igreja. É urgente dinamizarmos um dos traços mais extraordinários herdados da nossa origem: nossa democracia representativa. Dessa forma, nossas lideranças leigas perceberam que elas não são meras figurantes ou números para a estatística no final do ano, mas agentes que atuam nos rumos da Igreja de Jesus Cristo e na transformação da história. Essa cultura participativa permitirá que as comunidades diminuam sua dependência do clero, mas isso sem dúvida implica em “*renovação da nossa mente*”<sup>14</sup>. Essa nova mentalidade passa principalmente pelos ministros ordenados que deverão reavaliar a forma como exercem o poder na sua comunidade<sup>15</sup>. Numa Diocese com uma dimensão continental como a nossa, com uma profunda vocação missionária, esse é um tema extremamente pertinente.

11. Sei que essas ideias não encontram receptividade em muitos meios anglicanos, inclusive na nossa própria diocese, mas creio firmemente que dentro da nossa diversidade existe espaço para concepções diferentes, para transformarmos a nossa instituição para que ela seja cada vez mais fiel a sua missão de proclamar as boas novas a todas as pessoas, para nós vale a máxima das reformas protestantes: “*Igreja reformada sempre se reformando*”. Não precisamos deixar de lado a nossa tradição anglicana para implantarmos as transformações que consideramos relevantes nas estruturas eclesiais e nem muito menos nos seduzirmos por caminhos paralelos negando as instituições estabelecidas, as mudanças são parte constitutiva do processo de desenvolvimento de uma Igreja que se compreende hoje como diversa e inclusiva. Muitas dioceses ao redor do mundo têm buscado alternativas, inclusive a própria Igreja da Inglaterra.

14. Romanos 12:2.

15. Sobre o tema do poder procurem no site do CEA o texto “Somos poder”, do Bispo Dom Sebastião Gameleira Soares.

12. Para encerrar, retomo a referência geral sobre a disciplina da simplicidade, ressaltando que o seu ponto central na mensagem de Jesus Cristo pode ser encontrado no texto do evangelho de Mateus: *“Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”* (Mateus 6:33). Isso se traduz numa inteira confiança na providência divina. Nosso pensamento e nossa ação obrigatoriamente devem estar fundamentados nessa confiança, afinal como nos ensina o apóstolo Paulo (um ministro de tempo parcial que tinha como profissão fabricar tendas<sup>16</sup>): *“o justo viverá da fé”*<sup>17</sup>. Ao nos colocarmos nas mãos de Deus recebemos paz e a tranquilidade, pois sabemos que Ele é quem cuida de nós. E também que não importa toda parafernália estrutural que tencionamos usar porque quem atua no final de tudo é o Espírito de Deus e seus desígnios são insondáveis: *“O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito”*<sup>18</sup>. Quando falo isso penso nas comunidades de Gurupá e Ulianópolis, fazíamos planos para nos estabelecermos em cidades consideradas pólos regionais, mas o Espírito nos levou para lugares que nem sequer conhecíamos. Penso que não seríamos muito mais felizes se vivêssemos a nossa fé de maneira mais simples. Se apostássemos em coisas consideradas triviais, como tomar um café na casa de um membro de nossa comunidade, brincar de esconde-esconde com nossos filhos e as crianças da Escola Dominical<sup>19</sup>, cumprimentar as pessoas na saída da celebração, colocar a mão na cabeça de uma criança para dar uma bênção, levar nossos jovens para fazer trilha num parque ecológico. Ao fazermos isso pode até ser que não livremos o planeta dos malefícios que causamos ao longo de nossa existência como seres humanos, dizem até certos especialistas que o processo é irreversível, mas tenho certeza que abraça novas possibilidades onde possa reinar o amor e a solidariedade.

---

16. Atos 18:3.

17. Romanos 1:17.

18. João 3: 8.

19. O Cardeal Basil Hume, um dos grandes nomes da espiritualidade católica romana na Inglaterra, tem um livro que trata de questões muito profundas da nossa relação com Deus todo construído a partir de uma brincadeira de esconde-esconde dele com alguns sobrinhos: [Basil in Blunderland](#).